



DO PRAZER DA LEITURA À AQUISIÇÃO E APERFEIÇOAMENTO DO APRENDIZADO

Alzira Maria Câmara Amado de Oliveira
Escola Estadual "4 de Setembro"
alziracmara@yahoo.com.br

RESUMO: O presente artigo objetiva propor o ensino da Língua Portuguesa numa perspectiva pragmática, interacional, lúdica e linguística com base no livro "Comédias para se ler na escola", de Luís Fernando Veríssimo. Pretende-se sugerir como um professor pode trabalhar essa coletânea de crônicas, reunidas pela autora Ana Maria Machado, nas aulas de Língua Portuguesa, a partir da conscientização da importância da leitura como um papel de construção intelectual, até as particularidades de algumas crônicas da obra no tocante às características do gênero, envolvendo todos os aspectos possíveis da língua (semânticos e sintáticos), com base na proposta dos PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais – de fundamentar o ensino da língua materna, tanto oral como escrita, nos gêneros do discurso.

Palavras-Chave: Língua Portuguesa, Crônica, PCN, Leitura.

INTRODUÇÃO

Compreender os fatores que constroem a coerência em um texto, como contextualização, situacionalidade, conhecimento de mundo, inferência, etc., é condição indispensável para um indivíduo perceber que produzir textos é produzir sentidos, e que, ao escrever, ele é um dos responsáveis por essa construção.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do Ensino Médio ratificam (PCN, p. 62)

Ser leitor, no sentido pleno da palavra, pressupõe uma série de domínios: do código (verbal ou não) e suas convenções, dos mecanismos de articulação que constituem o todo significativo, do contexto em que se insere esse todo. E a competência de ler e interpretar pode desenvolver-se com atividades relacionadas à antecipação e inferência, título e índices, elementos da narrativa, efeitos de sentido, autoria: escolhas e estilo



Assim, ensinar a ler é, também, ensinar como a leitura se constrói no processo de interação entre o texto e o leitor, através de textos palpáveis, próximos à realidade do aluno, levando-os a ver um texto como fonte inesgotável de informações e de conhecimento, não só para propósitos seletivos, como os vestibulares e o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), mas para inesgotabilidade do conhecimento.

A crônica, gênero escolhido como objeto de estudo deste artigo, agrega valores que se inserem em um cotidiano aparentemente próximo ao do adolescente, por apresentar temas leves, cômicos, fantásticos e, muitas vezes, críticos, através de um estilo de fácil compreensão, de uma estrutura básica e lúdica da representação dos fatos.

O livro “Comédias para se ler na escola”, de Luís Fernando Veríssimo, é uma coletânea de crônicas realizada pela também autora Ana Maria Machado. Ela reuniu em um só livro 35 crônicas de Veríssimo, dividindo-o em seis partes: **1. Equívocos** (composta pelas crônicas, A espada; O marajá; O homem trocado; Suflê de chuchu; Sozinhos e A foto) **2. Outros tempos** (A bola; História estranha; Vivendo e... e Adolescência) **3. De olho na linguagem** (Sexa; Pá pá pá; Defenestração; Tintim; Papos; O jargão; Pudor e Palavreado) **4. Fábulas** (A novata; Bobagem; Hábito Nacional; Pode acontecer; Direitos humanos e Segurança) **5. Falando Sério** (Fobias; Anedotas; Da timidez e ABC) e **6. Exercícios de estilo** (Amor - “poema mais ou menos de amor”; Um, dois, três; O ator; O recital, Siglas; Rápido e O classificado através da história).

No livro, podemos encontrar alguns exemplos de um plano pedagógico que ora se debruça sobre aspectos gramaticais, ora se dirige ao plano do discurso, da leitura interpretativa e dinâmica.

Destarte, neste artigo, vamos propor uma série de meios didático-metodológicos que podem ser aplicados em qualquer série do ensino médio, mas que nos deteremos à 3ª série, tendo em vista a proximidade dessa série com os exames de vestibular e Enem.

Já é comum, na comunidade linguística em geral, a ideia de que os gêneros textuais



são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Para Bakhtin (1997), os gêneros estão presentes no nosso cotidiano, na nossa fala, ou melhor, em todos os enunciados, visto que são constituídos a partir do pressuposto de que terão uma função social e interacional.

A crônica é um gênero que ressalta essa função já que é apresentada em forma literária, mas com um aspecto jornalístico. Em outras palavras, quando se lê uma crônica, é como se o leitor estivesse lendo uma notícia ou reportagem à luz da literatura, de uma forma mais lúdica e interativa. O livro “Comédias para se ler na escola”, traz essa múltipla possibilidade de leitura, pois são 35 crônicas que podem ser trabalhadas de diversas formas, não apenas como pretexto para o ensino da gramática, mas como um meio de levar o aluno – leitor a perceber quão importante é a leitura e como se pode interagir com ela de forma prazerosa.

METODOLOGIA

Como esse artigo trata de possibilidades a serem aplicadas pedagogicamente em turmas de ensino médio, não se tem ainda um resultado alcançado para que se possa fazer análise. No entanto, isso não impede de propormos várias nuances para que o professor aplique em suas aulas de Língua Portuguesa e obtenha uma gama de resultados satisfatórios, assim se deseja, e de destaque.

No que se refere ao gênero em questão, o professor pode adotar as seguintes posturas nas aulas de Língua Portuguesa:

- Proporcionar aos alunos um momento de leitura de várias crônicas (inclusive as do livro), em que cada um lerá e identificará características comuns entre os textos, gerando a participação crítica do aluno;
- Apresentar as características gerais do gênero estudado, levando o educando a refletir sobre o que falava na própria análise anteriormente feita;



- Apresentar o livro a ser trabalhado durante o período letivo, instigando a turma sobre quais temas o livro aborda, quais situações cotidianas o autor apresenta.
- Analisar o título do livro e das crônicas nele inseridas, a fim de proporcionar uma gama de sugestões e de tempestades de ideias.

Tendo em vista a adoção dessa postura, torna-se viável uma prática mais leve e dinâmica de se apresentar um livro que será lido e apreciado pelos alunos. É provável que alguma história atraia a atenção do aluno e ele passe a desenvolver sua musculatura leitora por outro prisma, o da liberdade de escolha e da diversidade temática, descobrindo assim sua identificação na leitura.

A partir do momento em que o aluno estiver a par do gênero em questão, a leitura das outras crônicas do livro pode ser encaminhada, em um primeiro instante, de forma individual; em um momento posterior, em sala, de forma coletiva. Esse trabalho despertará na turma a necessidade de ler e compreender, uma vez que, nessa roda de leitura, o professor-mediador pode mostrar que essa prática é um ato de reflexão e descoberta e que se lê para responder à necessidade de viver em sociedade e interferir no mundo, para ser um sujeito agente, no sentido literal da expressão.

Outra proposta pedagógica que se pode apresentar é a de dar o enfoque à leitura sob três aspectos: análise do conteúdo das crônicas; análise da estrutura e a análise do discurso, aspecto de grande relevância para o ensino médio, em especial, para a 3ª série, visto que as questões de vestibulares da contemporaneidade adotam uma postura mais crítica-argumentativa do que gramático-estrutural.

O aluno precisa aprimorar ou criar a prática da leitura, e através das crônicas de Veríssimo, apresentar, nessa proposta um dos eixos cognitivos propostos pela Matriz de Referência para o Enem (2009), eixo “IV. Construir argumentação (CA): relacionar informações representadas em diferentes formas e conhecimentos disponíveis em situações

concretas, para construir argumentação consistente.”

Através do que propõe a Matriz de Referência do Enem em consonância com os PCN, o professor dispõe de uma gama de metodologias que podem ser aplicadas em sala, nas aulas de Língua Portuguesa. O estudo do texto, por exemplo, sob a ótica das sequências discursivas e o processo linguístico nele utilizado, pode ser realizado a partir do momento em que o discente tenha um maior contato com a obra.

Pegaremos, para ilustrar, uma das crônicas do livro em questão e proporemos um plano que aborde todos os aspectos supracitados e outros que envolvem a linguagem usada pelo autor, as condições do contexto no momento da produção, etc.

A crônica “Sexa”, que se encontra na página 21, é um ótimo exemplo de como Veríssimo tem o dom de brincar com as palavras através do bom humor e de forma prazerosa. O texto não apresenta um narrador, um contexto inicial, já inicia com o diálogo entre pai e filho sobre o “possível!” feminino de “sexo” ou do vocábulo “sexo”. O professor pode sugerir à turma que defina a palavra antes mesmo de iniciar a leitura. Em seguida, fazer uma discussão sobre o que é gênero gramatical e o que é sexo, mediante as concepções de mundo e de gramática. Pode-se também, ampliar a discussão para o âmbito do impasse criado entre pai e filho, no sentido de se descobrir quem estava com a razão no decorrer da conversa entre eles. Posteriormente, direciona-se a leitura oral, com dois alunos voluntários, para que se trabalhe a oralidade, desenvoltura e obediência à pontuação e entonação das falas dos personagens. Dessa forma, o aluno poderá perceber que o processo de leitura não se dá apenas no campo da decodificação, mas permeado de inferências, pressupostos e implícitos com o uso da linguagem, a ferramenta-chave para a produção de um texto.

Os PCN abordam a necessidade de o ensino da língua materna construir habilidades e conhecimentos que capacitem o aluno a refletir sobre os usos da língua(gem) nos textos e sobre fatores que concorrem para sua variação e variabilidade. Segundo Kleiman *in* DIONÍSIO *et al*(2002, pág. 7)



A proposta dos PCN de fundamentar o ensino da língua materna, tanto oral quanto escrita, nos gêneros do discurso, desencadeou uma relevante e significativa atividade de pesquisa visando, primeiro, descrever uma diversidade considerável de gêneros a partir dos heterogêneos textos que os atualizam e, segundo, apresentar sugestões didáticas para o uso dos textos enquanto exemplares e fonte de referência de um determinado gênero.

Dessa forma, faz-se necessário, ancorar-se em propostas que visem à melhoria do processo de leitura, como prazer e saber, e não apenas como obrigação e pretexto. Aprendemos a ler a realidade em nosso cotidiano social, assim, assevera Infante (2005, pág. 32) “O mundo social é permanentemente leitor e leitura dos seus indivíduos. Nossa cultura nos transfere conhecimentos sobre a realidade e forma de pensá-la.”

O que Ulisses Infante afirma acima nos serve de ingrediente básico para outra proposta de trabalho com as crônicas, ou de reforço para outras anterior e posteriormente citadas. A partir da crônica ABC, da página 48, inserida no capítulo intitulado “Falando Sêrio”, que é uma coletânea sobre problemas comuns do cidadão brasileiro, pode-se vislumbrar um leque de competências a serem desenvolvidas. ABC apresenta de forma dinâmica, crítica e irônica, comentários sobre o tamanho das letras dos livros e da idade das pessoas. Quanto mais velha fica a pessoa, menores ficam as letras impressas em jornais, bulas, livros, o que se torna um problema, pois a tendência é a pessoas perder a qualidade da visão, à medida que vai envelhecendo. Outro aspecto mencionado e alvo de críticas é a forma de ler (de se aprender a ler) de antes, imposta nos livros, uma forma mecânica, descontextualizada. O autor cita “Vovô vê a uva”. Na verdade, essa frase – que, aliás, é típica dos livros de alfabetização – serve-nos para trabalhar com as figuras de linguagem, no tocante às figuras sonoras (aliteração, assonância, paronomásia, onomatopeia, etc.). Pasquale e Ulisses (2008) definem aliteração como sendo o recurso que consiste na repetição de uma mesma consoante numa sequência linguística, como ocorre com /V/ na frase do livro. As figuras de linguagem são do campo da estilística e são usadas como meio de exteriorização de dados emotivos e estéticos. No caso de “Vovô vê a uva”, isso não acontece, tendo em vista o



conteúdo discursivo da crônica, mas o professor pode pegá-la como um gancho para introduzir o assunto.

Podem-se elencar vários outros exemplos – inclusive de outras figuras sonoras – e solicitar que se faça uma analogia com a frase do texto, no que diz respeito à função, à estilística e ao som. De posse dessa análise, apresenta-se a definição e solicita-se a busca de outras aliterações, assonâncias, onomatopeias, etc., nas outras crônicas do livro em estudo. Certamente será um trabalho complexo, mas muito rico e produtivo, pois o aluno será induzido a ler com um objetivo, e não com uma imposição. O professor pode dividir a turma para que cada grupo leia em torno de duas crônicas e possa fazer essa pesquisa, apresentando aos outros grupos em seguida.

Além dessa proposta, o professor tem a possibilidade de trabalhar o texto sob outra vertente, ainda no campo da linguagem, o da linguagem discursiva, do contexto no qual ela está inserida. Referimo-nos ao uso da linguagem que está próxima a do aluno (adolescente), o que se diz ser coloquial, informal. Leva-se a turma ao seguinte debate oral:

1. Por que Luís Fernando Veríssimo utiliza a expressão “a gente” algumas vezes?
2. O que esse uso representa para o processo de linguagem oral? E para a escrita?
3. O que justifica, no texto, o título da crônica?

A partir do debate, espera-se que o aluno fique mais atento às leituras que faz e tenha mais prazer em praticar tal ato, pois a leitura faz o leitor, o leitor interpreta os fatos com base no seu conhecimento de mundo e linguístico.

Como a série escolhida é a 3ª do médio, propõe-se um trabalho voltado também para a resolução de questões de vestibulares, uma vez que muitas universidades já adotaram e ainda adotam essa obra como leitura “obrigatória” para a seleção. Assim, o aluno é levado a perceber e a entender que outra função tem o texto, a leitura. Ainda na perspectiva de outra ótica funcional dos textos, propomos a produção de texto, que também compreende o



componente curricular de Língua Portuguesa. Sugere-se a produção de uma crônica tendo por base um fato do cotidiano que tenha sido noticiado em jornais locais ou nacionais. O professor trabalha todas as características do gênero em análise, como já fora sugerido em linhas pretéritas, e em seguida leva para a sala diversos jornais atualizados. Depois de folheá-los e lê-los, solicita-se o seguinte:

1. Escolha uma notícia que tenha chamado sua atenção, recorte-a e cole-a em seu caderno;
2. Transforme a notícia em um texto mais dinâmico e divertido através da produção de uma crônica.

Após as produções e as devidas correções gramaticais e textuais, o professor pode sugerir e organizar a elaboração de um livro, instigando os alunos à produção por prazer, fazendo-os sujeitos agentes, participativos, autores de sua própria história. O livro pode ser editado e lançado no encerramento do ano letivo da turma, como forma de final de curso.

CONCLUSÃO

A obra em análise é riquíssima, sendo uma excelente ferramenta para o professor que queira fazer de suas aulas algo mais prazeroso e dinâmico. As propostas de trabalho aqui apresentadas não se esgotam, não são limitadas. Muitas aulas podem ser planejadas, desde o específico até o mais amplo aspecto do livro (das crônicas). O que propusemos aqui é apenas uma síntese do que se pode fazer com um livro de crônicas nas mãos, atendendo à proposta dos PCN, quando afirmam:

As propostas de mudanças qualitativas para o processo de ensino-aprendizagem no nível médio indicam a sistematização de um conjunto de disposições e atitudes como pesquisar, selecionar informações, analisar, sintetizar, argumentar, negociar significados, cooperar de forma que o aluno possa participar do mundo social, incluindo-se aí a cidadania, o trabalho, a continuidade dos estudos. (2000, pág. 5)



Podemos abrir um leque imenso de sugestões temáticas para várias áreas do conhecimento linguístico, a interpretação, a transversalidade, a interdisciplinaridade, a intertextualidade, enfim, um plano que não se esgota, que não é limítrofe às paredes de uma sala, mas que atende à necessidade de uma educação que se encontra defasada quando o assunto é leitura.

De posse dessas propostas aqui explanadas, podemos perceber que o professor tem potencial para criar, recriar e incentivar seus alunos, basta ter um ótimo livro nas mãos, não necessariamente um volume de séculos passados, como afirma Ana Maria Machado, mas um livro que dê respaldo para um bom planejamento, digno de uma ótima interação na relação aluno-professor-leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bakhtin**, M. Os gêneros do discurso. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- Brasil**. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Vol. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC, 2000.
- _____. PCN+ Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC, 2002.
- Cipro Neto**, Pasquale. **Infante**, Ulisses. Gramática da Língua Portuguesa. São Paulo: Scipione, 2008.
- Dionísio**, Ângela Paiva; **Machado**, Anna Rachel; **Bezerra**, Maria Auxiliadora (Org). Gêneros textuais & ensino. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- _____. Gêneros textuais & ensino 2 ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- Infante**, Ulisses. Textos: leituras e escritas: literatura. Língua e produção de textos, volume Único. São Paulo: Scipione, 2005.
- Portal do MEC**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>
- Veríssimo**, Luis Fernando. Comédias para se ler na escola. Objetiva, 2001.